

Revista

FAMECOS

mídia, cultura e tecnologia

Televisão

TV Mariano Procópio nas páginas dos Diários Associados: contextos históricos, disputas políticas e narrativas identitárias

Mariano Procopio TV in the pages of Diários Associados: Historical contexts, political disputes and identity narratives

Livia Fernandes

Professora na Faculdade de Comunicação Social da UFJF/MG/BR. liviafoli@yahoo.com.br

Iluska Coutinho

Professora no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF/MG/BR. iluskac@uol.com.br

Jhonatan Mata

Mestre em Comunicação Social pela UFJF/MG/BR. jhonatanmata@yahoo.com.br

RESUMO

Análise das narrativas veiculadas pelos jornais dos Diários Associados em Juiz de Fora/MG sobre a implantação da TV Mariano Procópio no município. O estudo teve como pressuposto teórico a relevância das representações midiáticas e da memória na sociedade, e as relações de poder envolvidas na implantação de uma emissora televisiva. O recorte empírico do trabalho constituiu-se de edições dos jornais Diário Mercantil e Diário da Tarde veiculadas de dezembro de 1956 a julho de 1966, com seleção de conteúdos que faziam referência a TV Mariano Procópio

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; história da televisão; identidade

ABSTRACT

Analysis of the narratives conveyed by the newspapers of *Diários Associados* in Juiz de Fora/MG about the deployment of *TV Mariano Procopio* in the county. The study had the theoretical assumption of the relevance of media representations and memory in society and power relations involved in the deployment of a television station. The empirical work consists in newspaper editions of the *Diário Mercantil* and *Diário da Tarde* voiced in December, 1956 to July 1966, with selection of content that made reference to *TV Mariano Procopio*.

KEYWORDS: communication; history television; identity

O presente estudo sobre a TV Mariano Procópio (Juiz de Fora/MG), buscou investigar como a emissora tentou estabelecer laços de pertencimento com a população da cidade, e como os discursos produzidos para a implantação da TV, publicados nos Diários Associados da cidade, influenciaram e/ou reforçaram a identidade juizforana marcada pelo pioneirismo, e ainda, observar em qual contexto histórico-social se deu o início da televisão em Juiz de Fora. O trabalho pretendeu contribuir com os estudos que buscam compreender como se deu o início da Televisão na cidade e relacionar o surgimento da TV no município com a história do início de operação desse veículo nos grandes centros do país.

Em Juiz de Fora há uma narrativa de que a cidade tenha uma identidade marcada pelo pioneirismo, denominada por Christina Musse (2006) de “mito desenvolvimentista”. Essa visão da história começou em 1856, com a vinda de imigrantes alemães que chegaram à cidade para a construção da primeira estrada com características modernas do Brasil. Também são marcas simbólicas lembradas o fato do município ter tido a primeira escola agrícola de Minas Gerais; a primeira usina hidrelétrica da América Latina, a primeira agência do Banco do Brasil e a primeira rádio do Estado, e ainda, pela história da televisão na cidade. Assim, a narrativa construída é de que o município tem a capacidade de ser precursor em vários aspectos, de se constituir/representar como uma cidade de vanguarda, principalmente em relação a outras cidades de Minas Gerais.

Analisar as características particulares da história da televisão em Juiz de Fora é relevante para o estudo da narrativa de pioneirismo da cidade e para a história dos meios de comunicação no país, uma vez que a cidade é considerada um dos primeiros municípios do interior da América Latina a ter uma emissora geradora de sinal televisivo.

A TV Mariano Procópio funcionou em Juiz de Fora nos primeiros anos da década de sessenta e integrava o grupo dos Diários Associados (DA) de Assis Chateaubriand, que possuía na cidade dois jornais impressos (o “Diário Mercantil” e o “Diário da Tarde”), e uma estação de rádio (a “Rádio Sociedade”). Além da geração local de sinal de TV (fase experimental), a emissora ainda produziu um bloco de cinco minutos com notícias do município, veiculado no Jornal Tupi do Rio de Janeiro (Fernandes, 2007; p. 9).

De acordo com Marialva Barbosa (2007a), a visualização do passado é possível por diversos caminhos, um deles é por procurar os indícios e os sinais que chegam ao presente. Isso porque, para a autora, não é possível recuperar o passado tal como ele se deu, mas a partir

dos vestígios desse no presente pode-se interpretar este passado. Estes vestígios podem ser documentos, produções culturais ou entrevistas com personagens da época a ser estudada.

O fato de a TV Mariano ter funcionado nos anos 1960, impediu que a pesquisa fosse desenvolvida a partir da análise das emissões da própria emissora, ou de seu material de arquivo. Assim, o estudo foi desenvolvido a partir dos vestígios deste passado ainda disponíveis no presente. Primeiro, foi desenvolvida uma análise documental dos jornais da cidade de 1956 a 1966, com o objetivo de criar o *corpus* do estudo e encontrar informações que ajudassem a contextualizar o início da televisão no município. A etapa seguinte envolveu a análise de conteúdo dos impressos selecionados a fim de se verificar como as narrativas identitárias da cidade estavam presentes nos discursos produzidos a respeito da implantação da TV.

Percursos em busca das representações sobre a TV Mariano Procópio

Para uma melhor observação desses registros, foi feita uma análise de conteúdo conforme proposto por Moreira (2005), em abordagens de pesquisa documental. A análise de conteúdo, segundo Bardin (1977, p. 42), é um conjunto de técnicas de exame das comunicações cuja finalidade é, por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, obter indicadores quantitativos e/ou qualitativos que permitam inferências de conhecimentos relativos à mensagem.

Neste trabalho, preferiu-se realizar uma análise de conteúdo categorial, conforme Bardin (1977, p. 153), essa permite por meio de operações de desmembramento do texto em unidades, depois por reagrupamento mediante categorias simbólicas, a investigação das mensagens e uma análise temática de forma rápida e eficaz.

A primeira análise de conteúdo feita neste estudo foi quanto à forma dos registros encontrados. Nos dez anos de jornais pesquisados encontram-se grade de programação, notas, notícias, e anúncio publicitários relacionados à TV Mariano Procópio. Com o intuito de organizar esse material para uma análise semântica das mensagens, foi realizada uma análise de conteúdo categorial.

As categorias foram definidas a partir da contribuição de Marques de Melo (2003). Assim, foram determinadas como categorias para a análise de conteúdo às seguintes formas quanto à estrutura: *nota*, segundo o autor, corresponde ao relato de acontecimentos que estão em processo

de configuração, no caso do presente estudo aparecem na maioria dos casos, em colunas sociais dos jornais; *notícia*, que é o relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social, neste estudo representa os relatos referentes à TV Mariano Procópio; *anúncio local* em nosso caso anúncios publicitários referentes à TV Mariano Procópio, produzidos pela equipe dos Associados em Juiz de Fora; *anúncio nacional* refere-se a publicidades que fazem referência à TVMP, mas que são produzidos pelos Diários Associados Nacional; *programação*, corresponde à publicação da grade de programação e anúncios de programas da TV Mariano Procópio; *outros* são informações que auxiliaram na contextualização

do início da televisão de Juiz de Fora, como séries jornalísticas que diziam respeito à cidade.

Para verificar como os jornais construíram e/ou reforçaram uma identidade da cidade, por meio das publicações a respeito da TV Mariano Procópio, foi realizada uma análise de conteúdo categorial simbólica sobre identidades tendo como objeto empírico as mensagens categorizadas enquanto notícias. A escolha das notícias justifica-se pelo fato de elas serem relatos integrais de determinado acontecimento. Essa análise permitiu identificar não só as narrativas identitárias, como o contexto histórico e as disputas políticas na época da implantação da emissora local.

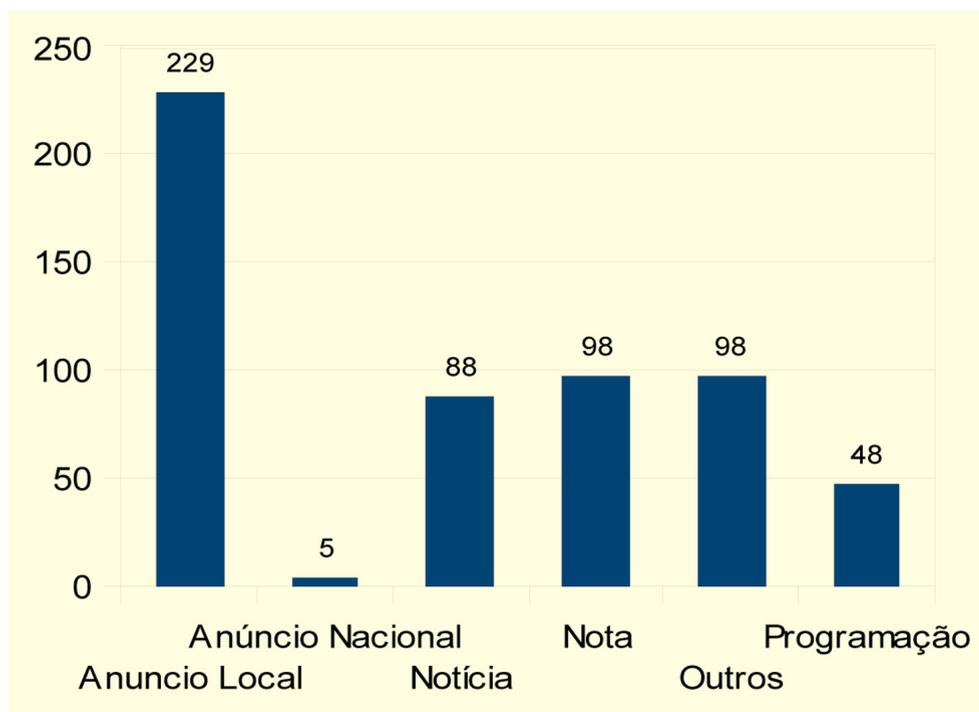


Fig. 1 – Categorias das mensagens

No período analisado, foram publicadas no *Diário Mercantil* e *Diário da Tarde* 88 notícias, sendo 49 no DM e 39 no DT. A pré-análise mostrou que 31 das 39 notícias publicadas no *Diário da Tarde* eram republicações de matérias que tinham saído no *Diário Mercantil*. Excluídos os textos repetidos, a análise de conteúdo foi realizada a partir de um universo de 56 notícias, sendo sete publicadas no DT e 49 no DM.

Para analisar as 56 notícias foi escolhido como unidade de registro o parágrafo. Os parágrafos de todas as notícias foram classificados segundo as categorias pré-definidas, de modo que, foi realizada uma análise de conteúdo categorial semântica. As categorias simbólicas foram definidas de acordo com as narrativas do que seria a(s) identidade(s) juizforana(s). Foram determinadas a priori três categorias: *identidade pioneira*, *industrial*, e *carioca do brejo*.

Assim, foram classificados como pertencentes à categoria pioneira os parágrafos que continham termos referentes ao pioneirismo: pioneiro (a), vanguarda, primeiro (a), precursor (a), início, inédito, entre outros. Os parágrafos referentes à narrativa da juizforaneidade industrial eram compostos por textos com referência a termos como: industrial, Manchester mineira, fábricas, centro industrial, empreendedor e expressões que vangloriam a cidade. Já os parágrafos que foram classificados como da categoria cariocas do brejo faziam alusão a termos como: Rio de Janeiro, cariocas, fluminense, TV Tupi Rio e times de futebol do Rio, entre outros.

A análise de conteúdo das 56 notícias resultou na categorização de 315 parágrafos. Desse total 185 foram classificados como *nulo*, 50 como pertencentes à categoria *pioneira*, 45 como *industrial* e 35 enquanto *cariocas do brejo*. O grande número de nulos deve-se ao fato de muitas das notícias não se referirem somente a informações sobre a TV Mariano Procópio. A análise categorial por ano também revela aspectos sobre a construção e/ou afirmação identitária da cidade via Diários Associados e em qual contexto histórico se deu sua implantação.

1959 – Ano da implantação da rede transmissora

No ano de 1959, quando a TV Mariano Procópio começou a ser anunciada nos DAJF, as notícias davam destaque ao fato desta ser retransmissora da TV Tupi do Rio de Janeiro, o que ressalta a narrativa identitária *carioca do brejo*. A aproximação com o Rio de Janeiro se daria via mensagens retransmitidas pela torre local.

“ Comprendendo a necessidade de ver captada em Juiz de Fora sua imagem, a Televisão Tupi do Rio de Janeiro, em uma torre transmissora. Para Juiz de Fora foram deslocadas, então, máquinas e aparelhos de toda espécie, além de uma coesa equipe de técnicos para dar início aos trabalhos. Em tempo record, essa equipe construiu, num terreno situado no Linhares, confinado com as matas do Yung, mil duzentos metros de altitude, um prado para a instalação da torre transmissora e, também um prédio para abrigar os técnicos da TV, bem como toda a aparelhagem (DM, 05/05/1959, p. 8 – grifo nosso).

Ainda em 1959, começou a ser instalada uma torre de transmissão cujo objetivo era repetir o sinal da TV Tupi do Rio em Juiz de Fora, mas os jornais do grupo de Chateaubriand também aproveitavam para anunciar por meio da TV Mariano Procópio os telespectadores contariam também com uma programação local.

Nesta época, os Diários Associados passaram por importantes acontecimentos que marcaram sua história. Primeiro, a expansão de suas emissoras de televisão por todo o país. Tanto que em apenas 11 anos o grupo já contava com mais de 20 emissoras: Tupi de São Paulo (1950); Tupi do Rio (1951); TV Itacolomi de Belo Horizonte (1955); TV Piratini, TV Cultura de São Paulo (1959); TVs Itapoan, Brasília, Rádio Clube, Paraná, Ceará, Goiânia, Tupi Difusora de São José do Rio Preto, TV Mariano Procópio (1960); Vitória, Coroados, Borborema, Alterosa, Baré, Uberaba, Florianópolis, Aracajú, Campo Grande e Corumbá (1961), (Carneiro, 1999, p. 313). Segundo, foi a criação do Condomínio Associado por Assis Chateaubriand. Conforme Moraes (1994, p. 12-14), rompido com os três filhos o fundador dos Associados, em 21 de setembro de 1959, anunciou que decidira doar a 22 de seus empregados 49% da propriedade de seu conglomerado de comunicação, constituído por 40 jornais e revistas, mais de vinte estações de rádio e de televisão. Entre os condôminos estavam João Calmon, Leão Gondim, seus filhos Fernando e Gilberto, seu irmão Oswaldo Chateaubriand. A propriedade dos 49% era vitalícia, mas não hereditária, quando do falecimento de um condômino, os remanescentes deveriam escolher um substituto entre os funcionários. Os familiares do falecido receberiam no prazo de cinco anos, eventuais proventos das ações.

A criação do condomínio foi importante para a efetivação da TV Mariano Procópio. Isso porque o diretor dos Associados local, Renato Dias Filho, foi convidado por Chateaubriand para se tornar um donatário, em julho de 1962, ocasião em que Fernando Chateaubriand, filho

do dono dos Associados, renunciou ao condomínio (Morais, 1994, p. 614). Com Dias Filho entre os acionários seria mais fácil garantir os investimentos para a instalação da TV em Juiz de Fora.

O terceiro aspecto foi o adoecimento de Assis Chateaubriand neste período. Em fevereiro de 1960, ele teve uma trombose cerebral que o deixou paralisado e com muitas limitações até a sua morte em 1968. Quarto motivo, os Diários Associados davam os primeiros sinais de que sua saúde financeira não ia bem. Três meses antes da criação do condomínio, João Calmon escrevera a seu patrão que a dívida dos Associados sob as suas responsabilidades já somavam 140 milhões de cruzeiros, fora a dívida com a Previdência Social.

Assim, foi neste contexto de expansão em meio à crise financeira, problemas de saúde de Chateaubriand e criação do Condomínio Associado, que foi constituída a TV Mariano Procópio (TVMP) como Sociedade Anônima, em 07 de abril de 1960 (DM, 10/04/1960, p. 8).

1960 – A venda de ações da emissora pioneira

Esse foi o ano da constituição da TV Mariano Procópio enquanto sociedade anônima e quando começaram as vendas das ações. A fundação da TVMP enquanto sociedade anônima permitia que o público juizforano financiasse parte dos gastos da TV, por meio de compras de ações públicas. Esta experiência já tinha sido feita na TV Ceará, no ano anterior, em que foram vendidas ações no valor de mil cruzeiros cada, divididos em 10 vezes, o que rendia juros de 8% ao ano. Seguindo este mesmo modelo, a população de Juiz de Fora foi convocada por meio do DT e DM a comprar ações da TV Mariano Procópio.

“ V. está convidado a participar e beneficiar-se deste grandioso empreendimento. Lançado sobre a garantia e responsabilidade dos Diários, Televisões e Emissoras Associadas: compre ações desse empreendimento, e v. estará cooperando, para trazer mais rapidamente à sua cidade o melhor veículo de informações e divertimento [...]

Prestígio, colaborando na compra de ações da TV Mariano Procópio para que Juiz de Fora seja a PRIMEIRA cidade do interior do Brasil e ter a sua própria televisão (DM, 31/04/1960, p. 7).

Assim, no dia 02 de maio de 1960 (p. 6), foi publicado no Diário da Tarde o nome dos acionistas do primeiro milhão de cruzeiros subscritos no início das vendas das ações; e o nome dos acionistas do segundo milhão, no dia 21 de maio de 1960 (p. 6).

Desta forma, em 1960, o destaque foi para o *pioneirismo* (21 parágrafos) da cidade. Os jornais ressaltavam o ineditismo da emissora para convocar a população a apoiar o empreendimento.

“ Enquanto isso vai sendo incrementada a venda de ações da TV Mariano Procópio, que no futuro muito breve estará funcionando a pleno vapor. Trata-se de mais uma *obra pioneira* da organização “Associada”, pois nenhuma outra cidade do interior do Brasil (fora as capitais) possui até agora uma estação de televisão. Daí o fato da grande receptividade que tem tido as ações da TV Mariano Procópio, cujo inicial será, ao que se presume, levantado em poucos meses (DT, 18/04/1960, p. 6 – grifo nosso).

Os jornais noticiavam que o empreendimento pioneiro dos Associados em Juiz de Fora é mais um que reforça a característica de vanguarda da cidade. Os textos ressaltam ainda que a criação da TV Mariano Procópio contribuiria para o desenvolvimento do município.

“ O rotariano Renato Dias Filho depois de agradecer as palavras do orador que o precedera disse que, em verdade, a criação da TV Mariano Procópio, *a primeira estação de televisão do interior do Brasil, representava um ‘passo gigante’ no progresso e desenvolvimento da cidade.* Frisou que nossa terra é uma terra de grandes iniciativas e já conhecida pelo seu *pioneirismo*, lembrando, inclusive, que aqui, muitos lustros atrás foi efetuada a primeira transmissão de televisão em toda a América do Sul. Teceu ainda considerações várias sobre o empreendimento que representa a TV Mariano Procópio sob diversos aspectos (DM, 24/05/1960, p. 7 – grifo nosso).

A construção de determinada identidade coletiva se dá, muitas vezes, via sistemas de representação. Neste sentido, a constituição e/ou (re)afirmação de uma Juiz de Fora pioneira foi reforçada pelos Diários Associados na época da implantação da TV Mariano Procópio, também por meio de outras notícias ainda que sem referência direta à emissora local. Foi no final de 1960 que o Diário Mercantil lançou uma série de reportagens assinada pelo historiador Luiz José Stehling do instituto de História e Geografia de Juiz de Fora (I.H.G.J.F.)¹ intitulada “*Juiz de Fora, a pioneira...*”.

A publicação por mais de um ano desta série sobre o pioneirismo de Juiz de Fora coincide com a época de implantação e inauguração da TV Mariano Procópio. Uma justificativa possível é que a divulgação da série corroboraria para enaltecer a vanguarda do mais novo empreendimento dos

Associados de Juiz de Fora, a fundação da TV Mariano Procópio. Seria, assim, mais uma tentativa de conseguir o apoio da população para a nova emissora da cidade. Desta forma, a constituição da TV local faria parte de uma marca, uma identidade do município.

Desta forma, a TV Mariano Procópio, após o apoio financeiro dos juizforanos começou a funcionar como retransmissora da TV Tupi. A emissora inicialmente retransmitia a Tupi do Rio de Janeiro, mas quando tinha problemas técnicos, ou em ocasiões especiais os juizforanos assistiam a programação da TV Itacolomi de Belo Horizonte (DM, 11/12/1960, p. 1). A partir de junho de 1961, o DM e DT passaram a publicar a grade de programação da TV Mariano Procópio. A transmissão começava às 12h com a rede Belo Horizonte – Rio de Janeiro, e às 13h30 com a rede São Paulo – Rio de Janeiro (DM, 10/06/1961, p. 08).

1961 – Boa vizinhança – JF a capital da televisão

Após algumas transmissões esporádicas, a TV Mariano Procópio foi inaugurada oficialmente com uma emissão realizada em outubro de 1961. A inauguração só foi possível devido a uma parceria dos Diários Associados de Juiz de Fora com a TV Itacolomi. O canal de Belo Horizonte levou para Juiz de Fora o carro de reportagem e todo o equipamento necessário para a transmissão local.

No dia 10 de outubro de 1961 foi inaugurada oficialmente a TV Mariano Procópio, com o programa “Boa Vizinhança”, nome que referencia a gentileza da equipe da TV de Belo Horizonte cujo apoio técnico tornou possível a transmissão direta de Juiz de Fora. De acordo com o DM, a cidade se tornou a capital da televisão no dia da inauguração, pois além da equipe da TV Itacolomi, uma equipe da TV Tupi do Rio de Janeiro, veio para Juiz de Fora, permitindo que a programação fosse retransmitida para os telespectadores do Rio de Janeiro e de São Paulo (DM, 10/10/1961, p. 01).

O “Boa Vizinhança” entrou no ar às 9h50 do dia 10 de outubro de 1961, com o programa de Ismair Zaguetto, jornalista do DM e do DT, sobre Sindicato dos Empregados e seus problemas. Ao longo do dia, diversas autoridades transmitiram suas mensagens pela televisão, como o prefeito Olavo Costa, o general da 4ª Região Militar e o Bispo da Diocese. A programação terminou, às 21h com a cobertura do grande baile e show no Clube de Juiz de Fora, preparado para celebrar a inauguração da TV.

Assim, no ano de 1961, o destaque na análise de conteúdo das notícias foi a categoria identitária *industrial* (13 parágrafos). As informações sobre a inauguração relacionavam o empreendimento

dos Associados ao desenvolvimento histórico de Juiz de Fora. Um exemplo pode ser visto na notícia sobre a estréia da emissora:

“ Com curiosidade justificada, ontem, a cidade presenciou a chegada da aparelhagem de transmissão da TV Itacolomi e Tupi. Era o passo decisivo para a concretização do que acontecerá hoje: Juiz de Fora a partir das 9 horas estará ao vivo nos televisores que captam a poderosa cadeia “associada” formada por emissoras de Belo Horizonte, Rio e São Paulo. E o acontecimento é mesmo de júbilo para todos aqueles que amam verdadeiramente esta terra, que confirma, mais uma vez, *ser o centro de progresso constante* (DM, 10/10/1961, p. 1 – grifo nosso).

Outro exemplo é a divulgação a respeito da repercussão do programa de estréia da TV Mariano Procópio, o Boa Vizinhança. A notícia associou o fato de a cidade ser “Manchester” ao de ter marcado a própria história da televisão do país.

“ Como se esperava, foi um sucesso sem precedentes a transmissão conjunta da TV Itacolomi e TV Mariano Procópio. Juiz de Fora viveu um grande dia, na última terça-feira. A iniciativa dos “Diários Associados” foi coroada de pleno êxito tendo a “*Manchester Mineira*” *lavrado um tento no campo da televisão* (DM, 13/10/1961, p. 1 – grifo nosso).

A construção de uma identidade industrial para Juiz de Fora se deu no início do século XIX, quando o município ganhou destaque no estado ao atrair diversas indústrias. A narrativa do Diário Mercantil por ocasião da inauguração da TV Mariano Procópio era de que o evento proporcionaria novamente destaque nacional para a cidade.

“ Finalmente, na próxima terça-feira, dia 10 de outubro, Juiz de Fora será vista por milhões de brasileiros no Estado de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Guanabara e São Paulo, através da cadeia associada de TV que transmitirá diretamente desta cidade o programa de boa vizinhança (DM, 07/10/1961, p. 1).

Além do programa de estréia, os espectadores de Juiz de Fora puderam assistir também a programas jornalísticos. O Diário Mercantil de 05 de outubro de 1961, cinco dias antes da programação de abertura oficial da TV Mariano Procópio, anunciava o “Telefoto Jornal” na grade de programação (DM, 1961, p. 8).

O “Telefoto Jornal” era projetado para a população juizforana às 20h15, depois da exibição do telejornal “Repórter Esso”. O programa tinha duração em torno de 5 minutos que trazia, de acordo com o *slogan*, “uma síntese fotográfica dos acontecimentos da cidade” (DT, 23/11/1961, p. 03). O programa jornalístico veiculado na TV era feito inteiramente a partir de *slides*, material fotografado por Jorge Couri. A narração das matérias, em torno de duas a três por dia, era de Rubens Furtado, enquanto a publicidade tinha locução do radialista Geraldo Basdon. De acordo com Jorge Couri, o Telefoto Jornal durou cerca de três anos e entrou na rotina dos juizforanos, que se aglomeravam em bares da cidade para assistir o jornal na “telelinha” (Lins, 2009).

1962 e 1963 – Perto da concessão

Nos anos de 1962 e 1963, tiveram poucas notícias referentes à TV Mariano Procópio, o que pode ser explicado pelo fato de depois da inauguração a emissora ter funcionado na maior parte do tempo enquanto repetidora da TV Tupi do Rio de Janeiro.

Depois de ter colocado, eventualmente no ar, alguns programas os Diários Associados deram um passo importante para conseguir a concessão da TV Mariano Procópio, quando houve um despacho favorável do então presidente do Conselho de Ministros, Tancredo Neves², em junho de 1962.

Assim, uma das duas notícias de 1962 analisadas se refere ao fato de o grupo dos Diários Associados local ter conseguido o despacho favorável para exploração do serviço de televisão em Juiz de Fora. A narrativa do DM associa o pioneirismo da PRB-3 no estado ao fato de ter recebido o parecer favorável para obter uma emissora na cidade.

“ Só a PRB-3, Rádio Sociedade de Juiz de Fora, a maior expressão em radiofonia da Zona da Mata e a mais antiga emissora do Estado pode explorar, em nossa cidade, um canal de televisão. E o registro se impõe porque, lutaram pelo canal 10, nada menos de seis emissoras, acabando por ser indicada a veterana PRB-3, que assim marca, mais um tento em sua trajetória vitoriosa e brilhante na difusão das grandezas e das realizações de nossa terra (DM, 10/07/1962, p. 3 – grifo nosso).

O despacho favorável fez com que os Diários Associados continuassem a produzir alguns programas locais. Assim, por meio da TV Mariano Procópio, em meio às transmissões da Tupi do Rio de Janeiro e da TV Itacolomi, o público de Juiz de Fora podia assistir também a propagandas, programas esportivos e cobertura de eventos da cidade. De acordo com Jorge Couri, cinegrafista

da TV e repórter fotográfico do DM, estas programações com produção da cidade continuaram a ser esporádicas, sem ter uma grade fixa.

Segundo Ismair Zaghetto, a TV Mariano se aproveitava da estrutura da rádio Sociedade e do DM. Para o programa esportivo “TV Columbia nos Esportes”, veiculado em agosto de 1963, a emissora se utilizava das matérias do jornal e veiculadas na rádio para ler no programa. O que o canal anunciava como *script* de Mário Heleno, Arides Braga, J. A. de Hollanda e Ismair Zaghetto, de acordo com este último, eram na verdade matérias produzidas para os outros meios, e reutilizadas pela TV.

Em 1963, só foi publicada uma notícia que fazia referência à TV Mariano Procópio. A matéria tratava da cobertura da visita do presidente João Goulart, feita em parceria com as duas emissoras de Belo Horizonte, a TV Itacolomi e a TV Alterosa. A equipe de Juiz de Fora enaltece o feito de ter trabalhado em conjunto com as equipes da capital.

“ Televisão associada lavrou um tento espetacular.

Quando da visita a Juiz de Fora, no dia 31 de maio, do presidente João Goulart, do governador Magalhães Pinto e de outras altas autoridades do governo, a reportagem associada de rádio e televisão, formando a grande cadeia das Montanhas e integrada pela veterana PRB-3, Rádio Sociedade de Juiz de Fora; PRH-7, Rádio Guarani (a mais poderosa do Estado), TV Mariano Procópio, canal 10, de nossa cidade, TV Alterosa, canal 2, de Belo Horizonte e TV Itacolomi, canal 4, também da capital mineira, realizou um trabalho estupendo de cobertura do grande acontecimento (DM, 15/02/1963, p. 8).

1964 – Disputa política pelo canal local

Em 1964, o número de notícias publicadas que fazem referência a TV Mariano Procópio aumenta, pois foi nesse ano que o grupo dos Diários Associados de Juiz de Fora perdeu a autorização do serviço de exploração de TV para a Rádio Industrial, de Sérgio Mendes. Os associados locais utilizaram-se dos jornais Diário Mercantil e Diário da Tarde para solicitar a volta do canal 10.

Nas cinco notícias de 1964 analisadas a categoria mais relacionada foi a de *pioneirismo* (13 parágrafos), seguida pela categoria *carioca do brejo* (04) e *industrial* (02). Esse foi o ano em que se observou uma maior diferença entre as classificações identitárias presentes nas narrativas dos

jornais; o que poderia ser explicado pelo fato de a defesa do grupo de Assis Chateaubriand, para recuperar o canal 10, ter se baseado no pioneirismo dos associados em Juiz de Fora.

Até mesmo o recurso feito ao presidente da república pelos Diários Associados para requerer a autorização da TV Mariano Procópio, iniciou-se com a justificativa da vanguarda da Rádio Sociedade.

“ O nosso recurso feito em maio do ano passado tem a seguinte redação:

‘Exmo. Sr. Presidente da República:

A Rádio Sociedade de Juiz de Fora S.A., com sede na cidade de mesmo nome, Estado de Minas Gerais, por seu Diretor Superintendente abaixo-assinado, pede vênha para expor e afinal requerer a V. Exa. o seguinte:

a) que é concessionária de serviço de rádio-difusão há 25 anos, eis que obteve concessão pelo decreto 2.011 de 1 de outubro de 1937 [...]’ (DM, 15/04/1964, p. 8).

Apesar do apelo via Diário Mercantil, a concessão do canal televisivo em Juiz de Fora foi dada ao proprietário da rádio Industrial, Sérgio Mendes. Assim, nos televisores da cidade, a TV Mariano Procópio deu lugar à programação da TV Industrial – Canal 10. Paulo Emerich relembra que, em 1964, ao sair da TV Brasília foi convidado por Dias Filho para assumir a TV Mariano Procópio, pois o diretor dos Associados na cidade, dava como certa a concessão. Mas no mesmo mês em que chegou para assumir a administração da TV, a emissora teria de interromper as atividades. Emerich afirma que Santiago Dantas, ministro da época, era amigo de Sérgio Mendes, e tinha influência no Ministério, de modo que conseguiu a autorização para o funcionamento da TV Industrial.

De acordo com Wilson Cid, os Diários Associados perderam a concessão por fazer forte oposição ao governo da época, cujo presidente era João Goulart. A tese se reforça desde 1963, por Chateaubriand ter usado toda a sua cadeia Associada para fazer críticas ao governo de Jango e para ajudar na organização do “movimento democrático” que resultaria no golpe militar em 1964 (Morais, 1994, p. 637). Este episódio local comprova o fato de que desde seu início o sistema de radiodifusão brasileiro estava atrelado a favoritismo político, no qual a concessão ou não para exploração de canais muitas vezes foi moeda de troca de benesses ou retaliações políticas.

Apesar das críticas impressas nos dois periódicos, a estréia da TV Industrial aconteceu em 24 de julho de 1964. A saída encontrada pelos Diários Associados de Juiz de Fora para o projeto da TV Mariano Procópio foi, inicialmente, transferir a emissora para o canal 08, então como repetidora da TV Tupi, enquanto aguardava resultado do recurso impetrado em maio de 1963.

Embora os jornais anunciassem que a TV Mariano Procópio continuaria no ar, via canal 08, somente como repetidora, em junho daquele mesmo ano, o Diário Mercantil voltava a anunciar na grade de programação da emissora o Telefoto Jornal. Além do noticiário, os jornais divulgavam os patrocinadores locais dos programas. Por exemplo, no anúncio do programa “Gira, o Mundo Gira”, aparecia como patrocinador a loja Planbel em Juiz de Fora (DT, 05/07/1964, p. 2).

1965 – Futebol na telinha e lacre do Contel

A análise de 1965 revelou que a maioria dos parágrafos fazia referência a categoria identitária *carioca do brejo* (20), seguida de *industrial* (10) e por último *pioneira* (7). Esse foi o ano em que a TV Mariano Procópio passou a retransmitir os jogos do futebol carioca. Como destacou-se anteriormente, a produção local de inicialmente se restringia à locução comercial dos jogos; depois devido à boa repercussão que teve na cidade, passou a ser enviada uma equipe ao maracanã para locução e comentários das partidas. Assim, a constituição de uma identidade próxima ao Rio de Janeiro, e por conseqüência, marcada pela diferença em relação à capital de Minas Gerais, foi reforçada pelas transmissões do futebol carioca na emissora do grupo de Chateaubriand.

De acordo com Bianca Alvin (2008, p. 2), ao se pensar nas construções de identidades futebolísticas é preciso levar em consideração a importância dos meios de comunicação. O sentimento de pertencimento, no mundo contemporâneo, não se dá mais somente pela hereditariedade ou pela proximidade geográfica, mas principalmente pela constituição de universos simbólicos via mídia.

Para Alvin (2008, p. 9) o discurso midiático é, cada vez mais, uma fonte relevante nos processos de reconhecimento, adesão e projeção identitária dos sujeitos. Assim, os meios de comunicação se utilizam das identidades do futebol como forma de se aproximar do público. No caso das transmissões dos jogos de futebol carioca pela TV Mariano Procópio não foi diferente, pois as locuções esportivas eram uma tentativa da emissora de se aproximar e conquistar o público juizforano.

“ Canal 8 na Guanabara

Já pela televisão, todos poderão acompanhar os dois embates que vão reiniciar o torneio Rio-São Paulo, na fase carioca.

A TV Mariano Procópio deverá focalizar amanhã Flamengo x América e domingo Vasco da Gama x Palmeiras.

Esta união BRB-3-Ducal-TV Mariano Procópio será algo de marcar época na história radiofônica da cidade (DT, 05/05/1965, p. 3).

O ano de 1965 também foi marcado pelo lacre das emissoras de televisão da cidade pelo Conselho Nacional de Telecomunicações (Contel)³. De acordo com o jornal *Diário Mercantil*, o público acostumado às transmissões futebolísticas da TV Mariano, pedia o religamento da emissora para acompanhar as partidas do campeonato carioca.

“ Um vazio no futebol

Além das famosas novelas, dos fabulosos espetáculos e de uma programação sempre bem cuidada e renovada, o Canal 8 sempre constituiu uma linha de frente na transmissão de futebol guanabarinu, pois principalmente em trabalhos externos, como é o caso do futebol, uma perfeita imagem é absolutamente indispensável, dada a amplitude da focalização.

Assim, impedido de dar curso ao hábito de ‘assistir bem, de casa’, o telespectador local não pode acompanhar as partidas pela Taça Guanabara, com seus cartazes indiscutíveis. Ontem, por exemplo, o ‘clássico dos milhões’, uma tradição de Vasco vs. Flamengo, não pôde ser acompanhado por todos aqueles que assim o desejavam.

A respeito por sinal, um senhor (como centenas de outros) nos telefonou, na tarde de ontem, para indagar se Mariano Procópio voltaria ontem, a tempo de assistir o jogo referido. Recebendo resposta negativa, desabafou: ‘Como podem privar de assistir a um jogo desses pela TV? Até quando perdurará essa situação?’ Certamente milhares de outros telespectadores desta região, que já haviam se deliciado diante da possibilidade de assistir aos cotejos da Taça Guanabara, ficaram igualmente indignados (DM, 23/07/1965, p. 1).

O público de Juiz de Fora foi convidado a solicitar às autoridades o ligamento das televisões da cidade.

“ [...] encarecemos a todos que se julgarem prejudicados que se dirijam ao presidente da República, ao presidente da Contel, ao presidente da Câmara Federal, ao do governador do Estado, ao presidente da Assembléia Legislativa e às demais autoridades governamentais, através de cartas ou telegramas, no sentido de que seja regularizada a situação, e que ela venha, da melhor forma, a atender os interesses públicos [...] (DM, 17/07/1965, p. 1).

Os apelos surgiram efeitos e, no dia 12 de agosto de 1965, o Contel retirou o lacre das TVs de Juiz de Fora. No entanto, a TV Mariano Procópio passou a atuar somente como retransmissora da TV Tupi. (DM, 13/08/1965, p. 1). As páginas dos jornais associados de cidade aos poucos deixaram de publicar anúncios da programação da TV Mariano, para divulgar os programas da grade da TV Tupi.

A análise documental, realizada até julho de 1966, nos jornais da cidade, mostrou que a TV Mariano Procópio depois que voltou a funcionar enquanto repetidora da TV Tupi foi perdendo espaço nos periódicos.

O não registro oficial pelos dois periódicos de anúncios formais do término da TV Mariano Procópio, também é um indício a ser investigado em pesquisas futuras. De acordo com o jornalista Wilson Cid (2007), considerado inviabilizado o projeto da emissora de televisão os Associados em Juiz de Fora converteram os títulos patrimoniais da TV em ações da rádio Sociedade e do Diário Mercantil. Os acionistas que não aceitaram a troca receberam o dinheiro de volta.

No entanto, segundo o jornalista, a estrutura da TV Mariano Procópio ainda foi aproveitada para a produção de um telejornal diário. De acordo com o pesquisador Flávio Lins (2010) a produção local da TV Mariano Procópio continuou em 1967 ainda com produções jornalísticas e coberturas de eventos especiais. Esta fase de produção da emissora não foi objeto desse estudo.

Considerações finais

Os vestígios encontrados no Diário Mercantil e Diário da Tarde revelam que o início da televisão no interior não se distanciou da gênese dos grandes centros. A instalação da TV Mariano Procópio aconteceu no período que Mattos (2000) denomina de fase elitista, em que o aparelho de TV era

privilégio dos mais abastados e que a produção televisiva era marcada pela falta de recursos, de pessoal e pelas improvisações. Todas essas características estiveram presentes na experiência juizforana.

A TV Mariano era pertencente ao maior conglomerado de comunicação do país da época, os Diários Associados. Esta política de comunicação funciona até hoje no Brasil. Por exemplo, a maior emissora de TV do país, a Rede Globo, além do canal de TV, é proprietária de dois jornais impressos (O Globo e Extra), emissoras de rádio e de um portal na internet. O mesmo acontece com a emissora afiliada da Rede Globo em Juiz de Fora, a TV Panorama, que além da TV, possui um jornal (*JF Hoje*), e integra à Rede Integração, com sede em Uberlândia, que além de rádios e jornais possui quatro retransmissoras da Globo em Minas Gerais.

No que diz respeito ao telejornalismo, a história da TV Mariano também se aproxima das primeiras exibições telejornalísticas do Brasil. Assim como o primeiro telejornal do país, *Imagens do Dia*, o *Telefoto Jornal* da emissora de Juiz de Fora fazia uso de fotografias para ilustrar os principais acontecimentos do dia.

Outra semelhança é o aproveitamento de profissionais do rádio e de outros veículos para trabalharem na TV. Toda a equipe que fez parte da TV Mariano Procópio foi improvisada a partir de profissionais do rádio e do jornal impresso que elaboravam scripts, filmavam e faziam locução na telinha. Assim, como o “Repórter Eso” foi baseado em um programa que já era sucesso no rádio (Mattos, 2000), os scripts da TV Mariano Procópio, de acordo com Ismair Zaguetto, eram extraídos de material produzido para Rádio Sociedade e para o Diário Mercantil.

A programação televisiva em Juiz de Fora iniciou-se com alguns minutos de noticiário local veiculado em meio à grade de programação da TV Tupi do Rio retransmitida via Mariano Procópio. Esta tendência está presente até hoje na maioria das emissoras espalhadas pelo país. A programação local ocupa somente alguns minutos em meio à grade gerada e distribuída pelas cabeças de rede.

Assim, por meio da análise dos vestígios da implantação da televisão em Juiz de Fora, das narrativas sobre a TV Mariano Procópio, foi possível reconhecer elementos que auxiliam a compreensão do desenvolvimento da mídia na cidade e das entre mídia e sociedade presentes ainda na contemporaneidade. ●

NOTAS

- ¹ O Instituto Histórico e Geográfico de Juiz de Fora, criado em 18 de março de 1956, é uma associação civil cujo objetivo é promover o estudo, a pesquisa e a divulgação da História e da Geografia dos Municípios que integram a Região de Juiz de Fora. (www.ihgjf.com.br, acessado em 10/02/2010).
- ² O jornal Diário Mercantil que divulga o despacho do Conselho de Ministros favorável a implantação da TV Mariano Procópio não informa o nome do político que ocupava este cargo. Mas de acordo com o CPDOC da Fundação Getúlio Vargas, o cargo foi ocupado por Tancredo Neves de 14 de setembro de 1961 a junho de 1962. Disponível em : <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/NaPresidenciaRepublica/Os_gabinetes_parlamentaristas>. Acesso em: 01 mar 2010.
- ³ O Conselho Nacional de Telecomunicações (Contel) foi criado pelo Decreto nº 50.666, no dia 30 de maio de 1961, pelo governo de João Goulart, para regulamentar os serviços de Radiodifusão no Brasil (Mattos, 1961, p. 266).

REFERÊNCIAS

- ALVIN, Bianca. O papel da mídia na construção das identidades futebolísticas contemporâneas. In: *Anais do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. (CD-Rom). Natal: Intercom, 2008.
- BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007a.
- COUTINHO, Iluska. Telejornalismo e identidade em Juiz de Fora: a (re)afirmação da diferença na cobertura do Miss Brasil Gay. In: *Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. (CD-Rom). Brasília: Intercom, 2006.
- FADUL, Anamaria. *Mídia Regional no Brasil: elementos para uma análise*. In: *Mídia e região na era digital: diversidade cultural, convergência midiática*. FADUL, Ana Maria; GOBBI, Maria Cristina (Orgs.). São Paulo: Arte & Ciência, 2006, p. 23-40.
- KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. Bauru: EDUSC, 2001.
- LINS, Flávio. Telefoto jornal: o ele perdido entre o cinejornal e o telejornalismo em Juiz de Fora. In: *Anais do XIV Encontro de Ciências da Comunicação na Região Sudeste*. (CD-Rom), Rio de Janeiro: Intecom, 2009.
- MATTOS, Sérgio. *História da televisão brasileira – Uma visão econômica, social e política*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MORAIS, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil – a vida de Assis Chateaubriand*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- MOREIRA, Sônia. V. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005.